



## **MAIS EDUCAÇÃO: A OFICINA DE DANÇA COMO UMA ÁREA DO SABER ESPECÍFICO.**

Klérison Christy Vital Santos<sup>1</sup>; Paloma Silva Souza<sup>2</sup>

*<sup>1</sup>Mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB <sup>2</sup>Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB*

### **Resumo:**

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que discute o ensino da dança como um saber específico dentro do Programa Mais Educação, a considerar que dentro da oficina normalmente somente o caráter de expressão é enfatizado em detrimento de um ensino formativo que a arte enquanto saber propõe, geralmente focado somente nas apresentações em eventos escolar sem configurar a reflexão sobre o processo e os conteúdos neles possíveis de aprendizado. Dessa forma, a partir da pontuações encontradas no Plano Curricular Nacional (PCN) com respeito ao conteúdo de dança, presente tanto na disciplina de artes quanto na de educação física, e visualizando a recepção por parte do alunos e coordenação para um planejamento que contemple discussões específicas sobre o fazer na dança e na educação desenvolvemos estes estudo. Esse experimento foi aplicado em quatro turmas de jovens e adolescentes na faixa etária de 6 (seis) a 14 (catorze) anos no sistema regular de ensino de uma escola pública de Campina Grande-PB com os jovens que participavam da oficina de dança inserida no Programa Mais Educação, no segundo período de 2015 e início de 2016. Inicialmente percebemos por parte tanto da coordenação quanto do alunado rejeição por um planejamento que se configurasse além da montagem coreográfica, porém durante a aplicação gradualmente avanços foram sendo obtidos, dessa forma, os alunos se tornaram mais abertos para a experimentação e processos criativos. O planejamento permitiu tanto aos alunos quanto a coordenação compreender os pormenores do ensino de dança seu caráter expressivo/motor e educativo.

**Palavras-chave:** Arte, Oficina de dança, Mais Educação, Educação.

### **INTRODUÇÃO**

A arte está presente na vida do homem desde os primórdios de sua existência, inicialmente contextualizada nas atividades diárias e cultos, por meio de representações miméticas, sendo essas corpóreas ou visuais (BERTHOLD, 2010), possuindo um caráter simbólico e comunicativo de grande força em sua realização.

No decorrer da história do homem vemos que a arte se destina a novos propósitos, dedicada ao lazer e socialização. Lado a lado a essa forma mais amadora do fazer artístico, vemos que sempre existiram espaços direcionados ao ensino em um nível profissional da prática dessas atividades, quer fossem em oficinas, ou mesmo, em escolas (GOMBRICH, 2000). Dentro desses



ambientes de ensino sempre houveram um conteúdo direcionado específico assim como interdisciplinar no estudo de elementos que incorporariam sua prática, um bom exemplo é o estudo de Da Vinci sobre anatomia, desse modo, vemos artistas que não se restringiam somente a prática exclusiva de sua arte mas eram estudiosos, filósofos, físicos etc.

Contextualizando a experiências artística dentro do ensino formal, vemos que a escola convencional ainda se encontra distante de uma prática direcionada efetiva de ensino em artes, sendo esta disciplina vista como momento de recreação diante das outras disciplinas, ou somente servindo enquanto suporte para eventos, quer sejam na forma de apresentações de dança, peça, decorações, deixando de lado o seu objetivo enquanto disciplina.

Esse defasagem educacional, segundo Barbosa (1989), decorre do pensamento da arte enquanto profissionalização, presente no período da ditadura militar, no qual surgem os primeiros cursos de arte educadores, em 1971, com a formação defasada por não conseguir contemplar todas as áreas do saber, perpetuando a ideia de *laissez-faire*<sup>1</sup>, proveniente do movimento de escola novista, focando somente na forma de expressão sem discutir os conteúdos específicos.

Inicialmente a educação artística não possuía um caráter avaliativo, pois era vista como uma atividade educativa e não uma disciplina, somente em 1996 que essa modificação é efetivada (dividida em artes visuais, música, teatro e dança) mudando o nome de educação artística para ensino de artes, porém ainda amparada no ensino tradicional como livro e quadro negro ao invés de processos mais intuitivos e criativos.

Com a aplicação da ideia da escola de tempo integral novos projetos surgiram, a exemplo do Programa Mais Educação, que possibilita ao aluno um segundo período de estudos proporcionando uma formação mais ampla. Segundo a resolução do CD/FNDE/MEC de nº 2, de 14 de abril de 2016, encontramos que estas ações se destinam a: “atividades educativas, lúdicas e recreativas”; “com articulação entre as disciplinas curriculares e diferentes campos do conhecimento, visando à formação integral do estudante”; “a valorização da identidade da escola do campo e o respeito à diversidade em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, de gênero e de raça e etnia”; etc.

Mediante a isso, vemos que normalmente os únicos fatores ressaltados no processo de ensino do Mais Educação para o campo das artes são os de caráter recreativo, deixando de lado as outras discussões possíveis em detrimento de sucessivas apresentações em datas comemorativas.

---

<sup>1</sup> Termo de origem francesa que remete a ideia de deixar as coisas acontecerem livremente, sem interferência.



Nesse artigo discutimos a dança enquanto conteúdo dentro do processo de ensino de artes no projeto mais educação, ressaltando a recepção do planejamento didático por parte dos alunos\coordenação.

### **Dança: Entre a Arte e a Educação Física**

A dança enquanto conteúdo pode ser encontrada em dois campos do saber distintos, tanto nas artes quanto na educação física, de acordo com o Plano Curricular Nacional (PCN), veremos que no campo da arte há um sentido mais estético e crítico, devendo ser ensinado juntamente ao teatro, as artes visuais e a música, já na educação física a dança apresenta-se como “atividade rítmica e expressiva”, ensinada em consonância aos seguintes conteúdos: esporte, lutas, ginástica e jogos.

Embora a dança não seja vista como uma disciplina e esteja em um entremeio de duas áreas do saber, percebemos que quando há uma oficina específica de dança, como ocorre no projeto Mais Educação, normalmente se resume a um processo de cópia/reprodução, deixando de lado a historicidade do corpo, que se refere a experiência corporal do aluno/indivíduo advinda de uma construção sócio/cultural (COSTA, 2004), e sua capacidade expressiva, lúdica e estética que a arte em si propõe. “A Dança escolar tem que se preocupar com a formação ética, a adaptação social, a organização do trabalho, o tratamento da informação e com o desenvolvimento psicomotor da criança, competências essas que são primordiais no cotidiano humano.” (FERREIRA, 2009, p. 28), desse modo encontramos um processo ambivalente de formação intelecto/físico.

Tendo em vista as pontuações de Marques (2003) compreendemos a dança na educação física não caracterizada somente pela repetição de movimentos, separando os que conseguem copiar ou não, mas possibilitando um trabalho reflexivo que ultrapassa somente apresentações culturais, possibilitando ao grupo de ensino tanto o trabalho físico/motor quanto lúdico, reflexivo e crítico.

Tratando-se do ensino da dança, não devemos restringi-lo à cópia de passos, mas criar possibilidades que contemplem o prazer pela criação, execução, compreensão, apreciação e contextualização do movimento poético, pois, desse modo, acreditamos que estamos tratando a dança como área de conhecimento. (VIEIRA, 2014, p.179)

A partir dessas reflexões, reconhecemos que a dança na escola se apresenta como uma área do saber específico, contendo em si um conteúdo que agrega tanto o trabalho físico quando lúdico, desse modo, buscamos no experimento aplicar estas ponderações dentro da sala de aula.



## **Metodologia**

Este artigo tratasse de um relato de experiência, que consiste em um experimento realizado na Escola Municipal Padre Antônino, Campina Grande/PB, dentro da oficina de dança inserida no projeto Mais Educação, no período de agosto de 2015 a abril de 2016, com um intervalo de aulas em janeiro e fevereiro. Durante esse tempo, havia nove horas de aula semanal na escola dividida em dois períodos, manhã e tarde, para quatro turmas, sendo duas aulas semanais para manhã e uma para tarde, cada aula tinha cerca de 1 h e 30 min (uma hora e meia).

O grupo de trabalho era formado por jovens na faixa etária de 7 (sete) a 14 (quatorze) anos de idade de ambos os sexos, sendo exigida por parte da escola a presença de todos os alunos conectados ao projeto em todas as oficinas, no total de 42 (quarenta e dois) alunos.

Para o processo de análise e discussão possuímos o planejamento de ações e atividades realizadas nas aulas, assim como a reflexão dos alunos sobre o processo ao término do período de aula. O planejamento das aulas foram feitas a partir de um caráter experimental e observacional, em consonância aos PCN's tanto de artes quanto educação física relativo ao conteúdo de dança.

## **Planejamento das aulas.**

Os planos de aula se baseiam em cinco princípios principais que objetivam trabalhar de forma prática os conteúdos conceituais presentes nos PCN's, objetivando a dança enquanto área do saber, tão logo possuidora de conteúdo específico.

**1 – Integração/ Atenção/ Trabalho em grupo:** neste se encontra os jogos teatrais, baseados em recreação, deixando um momento mais divertido porém direcionado, passando por etapas de jogos que estimulem a atenção e reconhecimento de sinais ou comandos, propiciando uma participação ativa de todo o grupo, reconhecendo o papel individual. Jogos: Morador e Cabana, Mosquito, Morto/vivo, Parar/Correr/ Andar, etc.

**2 – Conhecimento corporal/Alongamento:** Com o objeto de trabalhar o corpo e seu reconhecimento individual foram realizadas tanto atividades de alongamento, quanto jogos de imitação trabalhando com níveis, jogos como espelho, siga o mestre, travessia, entre outros. Aliados a estes jogos, estavam o trabalho de coordenação motora e direções, principalmente para os alunos menores.



**3 – Ritmo/ Conhecer e reconhecer estilos musicais e de dança:** Para que os alunos tivessem uma abertura de olhar quanto a multiplicidade de culturas e estilos, durante os alongamentos sempre eram selecionados músicas de diversas nacionalidade e culturas, educando os alunos para conhecerem outros estilos além dos comuns em sua vivência, no caso do rap e o funk. Foram feitos jogos de ritmo fazendo tanto o uso da dança de roda, e a marcação do pé que está presente também no coco, quanto jogo direcionados trabalhando a frequência e permanência de ritmos.

**4- Aprendizado de passos e sequência:** No processo inicial da passagem de passos realizamos o estudo de sequências de movimentos, tanto casal quanto individual, estas sequências eram repetidas em diversas músicas e estilos, como forma de experimento de diversas velocidades e juntamente a estas eram feitos trechos nos quais os alunos deveriam improvisar indo além do errado e correto, mas se descobrindo e podendo aplicar sua própria leitura no estilos e na coreografia.

**5 – Criação de coreografia e apresentação:** A seleção da música para apresentação foi realizada com os alunos, tendo estes levado propostas musicais para a turma. O processo de ensaio e apresentação se baseou na criação conjunta, deixando ao cargo dos alunos a organização entre eles no dia da apresentação.

### **Análise e Discussão**

Após definhada a compreensão da oficina de dança enquanto uma área do saber específico e tendo em vista a aplicação de um planejamento que contemplasse esse entendimento, levamos para a coordenação um plano de trabalho, contendo tanto uma apresentação conceitual da proposta quanto princípios que seriam trabalhados na oficina. Inicialmente vimos que o pensamento a respeito do ensino de dança na escola ainda estava arraigado a uma compreensão de *laissez-faire* (BARBOSA, 1989), no uso da arte somente enquanto expressão e tendo como foco principal a apresentações culturais da escola.

Dessa forma, levou-nos a um processo de reeducação do próprio corpo docente enquanto o sentido da arte no campo da educação e seu caráter formador. Este processo se fez presente em todo período de trabalho, de modo informal, quando os próprios professores discutiam no intervalo a melhoria de alguns alunos que participavam ativamente da oficina de dança, segundo relatos, algumas vezes com o discurso de que caso não melhorassem o comportamento e notas não



poderiam continuar na oficinas, resultando em melhorias nas determinadas disciplinas, ainda amparado em um sentido mais tradicional de ensino, na visão do acesso a arte como privilégio e não uma competência necessária. Com o passar do tempo a coordenação começou acompanhar mais de perto o trabalho melhorando o diálogo entre oficinairo e a escola.

Dentro da sala de aula a primeira impressão obtida foi como o olhar das crianças estavam amparados sobre uma perspectiva do dançar pelo dançar, sem pensar o movimentos, focados só no fazer e na cópia. Desde a primeira aula e por um longo período o discurso do “vamos aprender a coreografia hoje?” foi retomado pelos alunos, contudo no processo de aplicação do planejamento, grande parte começou a se interessar pelos processos individuais e diários, além do somente coreográfico.

Na aplicação do planejamento tivemos diversas dificuldades como, o recorrente pedido coreografia, a falta de disposição física dos alunos tanto na questão de alongamento quanto no de reconhecer o corpo, por vezes, conectando movimento a gênero, além de um grande problema com concentração e atenção aos comandos dos estímulos propostos. Durante o processo estas problemáticas foram sendo dirimidas, inicialmente todas as propostas eram questionadas e sofriam resistência, pois se retomava o discurso do “para dançar não precisa disso”, desse modo os jogos e seus objetivos começaram a ser falados aos alunos e com o tempo, eles próprios começaram a tentar adivinhar e discutir os benefícios de tal atividade.

Passado o primeiro contato com os estímulos levados a sala, normalmente com rejeição, num segundo momento eles se sentiam mais à vontade e começaram a conseguir trabalhar o processo da dança, não visualizado como um produto final, ou somente caracterizado pela coreografia/apresentação, mas iniciaram um processo de descobrimento físico, e a compreensão corporal deles avançou nesse aspecto. Ao lado dessas discussões de caráter mais prático outras surgiram como questão de gênero, pela determinação de alguns alunos, enquanto o que era dança de homem ou não, assim como questões de aceitação de si e do outro em suas características e limites, estas discussões possuíam um caráter interdisciplinar que foram pinceladas durante as aulas e no círculo discussão que havia ao término das atividades com os alunos

Ao término do período, quando chegamos ao momento de criação coreográfico, eles estavam mais abertos a experimentos e a ter contato com outros estilos de trabalho e musicais, embora que ainda muito presente o discurso da repetição e da forma usual de ensino somente amparado na cópia/reprodução. Os avanços tanto da escola quanto do alunado puderem ser melhor



visualizados no ano de 2016, quando, na abertura das atividades, se via um outro posicionamento do grupo de alunos ao explicar aos colegas novatos o propósito de determinados jogos, assim como uma abertura maior da escola ao estarem mais atentos as necessidades da oficina, demonstrando maior confiança. Ao término do ciclo, ao entrar um nova professora eles destacaram a ela que o outro professor ensinava de uma forma diferente, cheio de atividades, que podemos analisar como um compreensão macro de que havia um conteúdo além da coreografia.

### **Considerações Finais**

Ensinar dança enquanto conteúdo específico exige uma postura do profissional de reeducação que vai além das discussões da área do saber, mas caminham para educar socialmente enquanto o papel da arte no sentido formador. Essa busca de uma nova compreensão e discussão não se aplica somente aos alunos ao se apresentar o planejamento, mas também a própria coordenação a fazer compreender que o ensino de dança/arte tem seu papel formador tal qual as outras disciplinas do ensino regular.

Vemos assim, que, mesmo estando dentro do ensino não formal há um conteúdo e possibilidade de aplicação da arte com uma caráter formativo e o pensar a dança enquanto conteúdo permite que os alunos compreendam seus processos e assim resultem em uma atividade que não se caracterize somente como um destino final, mas no tornar-se (EISNER, 2008).

Desse modo, a partir dessa experiência vemos que é possível que haja um planejamento específico para essa área do saber, possuindo um conteúdo amplo de trabalho, contemplando tanto o estudo do corpo quanto da arte, assim como as discussões intertextuais presente no fazer artístico. Embora que inicialmente hajam resistências quanto o aceite de novas propostas na escola, a aplicação delas se faz necessária e surte bons resultados, tanto no caráter físico/lúdico/crítico quanto na aceitação e compreensão do sentido formador da arte enquanto conteúdo e formador do ser.

### **Referências Bibliográficas.**

B823p Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p.

\_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BARBOSA, Ana Mae. **Arte e Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativa futura**. Estudos Avançados, v. 3, n. 7, São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>>. Acesso em: Set de 2015.

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. [tradução Maria Paula v. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. São Paulo; Perspectiva, 2006 (3º edição).

COSTA, Elaine Melo de Brito. O corpo e seus textos: o estético, o político e o pedagógico na dança. 2004. Tese (Pós-graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2004.

EISNER, Elliot E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?**. Currículo sem fronteiras, v. 8, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>>. Acesso em: Jan de 2016.

FERREIRA, Vanja. **Dança Escolar: Um novo ritmo para a educação física**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

GOMBRICH, Ernest Hans. *A História da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 2000.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.

VIEIRA, Marcílio de Souza. **A dança na arte e na educação física: diálogos possíveis**. Revista Tempos e espaços em educação, v. 7, nº 13, maio/agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3266/2885>>. Acesso em: Set de 2015.